



A PUTA QUE HABITA EM TODES NÓS: A(S) RESSIGNIFICAÇÃO(S) DA IDENTIDADE PUTA EM E SEU FOSSE PUTA/PURA¹, DE AMARA MOIRA

Ádrian Henrique Ferreira Barboza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: adrianhenrique1920@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os feminismos trouxeram grandes contribuições para a história da humanidade antes mesmo dessa palavra existir. Na Bíblia Sagrada, no seu livro de Gênesis, se conta como tudo foi construído, do ponto de vista cristão. Eva, que era esposa de Adão e, segundo o livro, foi criada através de uma das costelas do seu marido, é vista como uma mulher calma, carinhosa e submissa a este. Os dois viviam no chamado “paraíso”, livres de todo o mal e pecado; tinham ao seu dispor alimentos, água e tudo à vontade, com exceção de uma árvore que não poderiam tocá-la, nem usufruir de seus frutos. Eva, curiosa, pergunta a Deus o motivo de não poder comer aquele fruto apetitoso e Ele responde que a maçã é um fruto proibido, pois é pecaminoso. Dias depois, uma serpente a convence a experimentar o fruto, e Eva sofre as consequências do ato, sendo colocada como a responsável pela abertura do pecado na Terra.

O texto não tem como foco falar das mulheres do ponto de vista bíblico, mas não podemos deixar de citar Maria Madalena, que foi colocada pela Igreja Católica durante muitos séculos como adúltera, prostituta, sendo purificada por Jesus Cristo, ao lavar os seus pés e os secarem com seus cabelos. Sendo canonizada em 2016 pela mesma instituição, Maria Madalena passou de um corpo mundano e sujo para uma verdadeira missionária, sendo colocada como a primeira pessoa a ver Jesus Cristo após a ressurreição (Jo 20: 14-18).

Durante séculos, Maria Madalena foi confundida com a adúltera absolvida por Jesus diante do templo (João, 8: 3-11) e identificada com a prostituta arrependida que lhe ungiu os pés na casa do fariseu (Lucas, 7: 36-50) — os respectivos Evangelhos não deixam claro, de modo algum, que a adúltera absolvida e a prostituta arrependida sejam Maria Madalena — mas essa opinião, expressa pelo Papa Gregório I, no século VI, no ano de 591 d. C., é aceita por muitos cristãos até

¹ A primeira versão do livro, publicada em 2016, veio como “E se eu fosse puta”. Contudo, segundo a autora, as livrarias começaram a não comercializar o livro por conta do título. Assim, Amara Moira, numa engenhosa e interessante ideia, borra o “t” da palavra puta, tornando-se “E se eu fosse pura”.



hoje: a mulher pecadora que foi purificada por Cristo, representando o arquétipo feminino tradicional que a Igreja primitiva instituiu em seus primeiros séculos de existência, a pecadora que, após ser curada, passou a vida em penitência e arrependimento [...]. (SANTOS, 2016, p.21-22).

Segundo o autor, Maria Madalena teve um papel importantíssimo para o crescimento do Cristianismo, mas por ser mulher “não era confiável, a visão de Maria Madalena teve que ganhar o respaldo e a ascendência dos homens, dos discípulos de Jesus, o que minimizou seu papel de apóstola dos apóstolos durante os primeiros séculos depois de Cristo” (SANTOS, 2016, p.33) foi invisibilizada nos escritos sagrados e também pela visão patriarcal que já existia naquela época. Todavia, com as descobertas dos textos apócrifos² de 1947 a 1956, em Qumran, a leste de Israel, em Jerusalém (SANTOS, 2016), nota-se que as visões que nos foram e são impostas sobre a bíblia podem, na verdade, estar ligadas mais a ficções do que à realidade; não há consenso entre historiadores e estudiosos sobre quem foi Maria Madalena, sendo umas das figuras mais misteriosas do Cristianismo.

Elas sempre estiveram entre nós, mas nunca a vimos (ou nunca quisemos vê-las). A prostituição não é apenas uma profissão, mas uma verdadeira máquina tecnológica de produção de prazer daqueles que, muitas vezes, menospreza, ou seja, quem procura este serviço são pessoas que disseminam, muitas vezes, ódio contra a existência de corpos dissidentes e desviantes das normas; o homem branco, cisgênero, heterossexual, que construiu a sua família alinhada ao que o conservadorismo impõe, é o agente disseminador, mas também o que mais utiliza das margens para seu próprio prazer.

Mariana Luciano Afonso e Rosemeire Aparecida Scopinho (2013) nos mostra através do artigo “Prostituição: uma história de invisibilidade, criminalização e exclusão” um breve histórico de como a prostituição funcionava em muitas sociedades antigas até a idade contemporânea. Segundo Afonso e Scopinho 2013 apud Roberts 1992

Na Idade Média a prostituta era vista com o “um mal necessário”. Com a ascensão do cristianismo, coexistia, ao mesmo tempo, combate e tolerância à prostituição. Enquanto fossem atuantes na atividade, as prostitutas eram excomungadas, mas, até certo ponto, eram também toleradas uma vez que foram consideradas um “mal necessário”,

² O autor cita em seus artigos que textos apócrifos são textos de origem duvidosa ou suspeita e que não são reconhecidos pelo magistério eclesiástico.



funcionando como um tipo de “dreno” no qual os homens poderiam descarregar o efluente sexual que os afastava de Deus.

Para Paul Preciado, importante estudioso da Teoria Queer, “o poder não se localiza apenas no corpo (“feminino”, “infantil” ou não “branco”) [...], mas também em um conjunto de representações que o transformam em sexual e desejável.” (PRECIADO, 2018, p.51). Ou seja, o corpo/corpa que se prostitui é apenas desejável no privado, entre quatro paredes, dentro de um carro ou em um “matel” (no meio do mato). No público, essas identidades são punidas

Monique Prada em Putafeminista dialoga sobre as suas vivências enquanto puta e feminista, numa perspectiva teórica, pois quem atua na prostituição também escreve, reflete e formula teorias, apesar da Academia não considerá-la muitas vezes. A autora cita que erradicar a prostituição seria erradicar as prostitutas, pois quem defende o fim da prostituição, se ancora no pensamento higienista e moralizante que reforça o machismo e o patriarcado tão enraizado na sociedade. Por outro lado, quem não defende, na maioria das vezes, de forma inconsciente ou não, as deixa no lugar da precariedade, da exclusão e da marginalidade. Prada (2018) utiliza um conceito criado pela jornalista Melissa Gira Grant para se referir à construção de uma imagem estereotipada da mulher que é prostituta: puta imaginada.

Aquela que é, ao mesmo tempo, a trapaceira, a enganadora, a traficada, a oprimida, a louca, a andarilha, a cortesã, e a dominatriz. Nunca uma mulher como as outras. Essa imagem acaba sendo usada para manter as mulheres, as outras mulheres, todas as mulheres, na linha: “não aja como uma puta se não quiser parecer uma puta.” (PRADA, 2018, p.35).

Assim, há um processo de higienização do lugar da puta pela sociedade, visto que o importante não é se parecer como uma, mas camuflar este lugar, torná-lo invisível. Nota-se isto pelo uso de vocábulos menos ofensivos e identitários, como acompanhante, sugar baby³ ou pelo próprio apagamento da profissão. Entretanto, o putafeminismo nasce para descortinar, promover, tensionar, o sistema machista e patriarcal que há dentro da prostituição.

Eu entendo que o (que temos chamado de) putafeminismo pode ser descrito, basicamente, como um movimento que nasce a partir de que

³ Jovens que se relacionam com pessoas mais velhas que tenha grandes poderes aquisitivos



nós, mulheres trabalhadoras sexuais, podemos também ser feministas, combatendo o estigma sobre nós e fortalecendo a luta por direitos, sem que para isso precisemos abrir mão de nosso trabalho ou nos envergonhar dele. Mas o putafeminismo pode também ser visto como uma possibilidade de repensar toda a estrutura da prostituição, identificando e combatendo as opressões que existem nela. (PRADA, 2018, p.37).

Ao chegar à pós-graduação e ao ler “E se eu fosse pura/puta”, da mulher, professora e travesti, Amara Moira, me fez refletir sobre os diversos lugares que as prostitutas ou como são popularmente conhecidas – putas – ocupam na sociedade; lugares de exclusão e marginalização, onde corpos e corpos disputam espaços e territórios para a sobrevivência. Senti a necessidade de mudar de projeto de pesquisa, buscando analisar as ressignificações que a autora traz no seu escrito que, aliado aos movimentos sociais como o transfeminismo e o putafeminismo, a puta se torna uma (id)entidade política, que está sendo ressignificada, borrando e provocando fissuras na sociedade onde o conservadorismo ainda teima em existir. Os objetivos da pesquisa que está em andamento no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL/UESB) são: Analisar as estratégias discursivas que a autora utiliza em seu escrito sobre a identidade puta à luz da Análise de Discurso Semiolinguística; Refletir sobre os novos sentidos que a autora traz sobre prostituição em sua autoficção; Fomentar práticas de leituras não-normativas da(na) Literatura Brasileira.

501

METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizará como método a pesquisa bibliográfica, visto que pretende-se fazer um mapeamento histórico de como a identidade puta foi construída ao longo das sociedades, sendo colocada como abjeta, tendo como nortes teóricos a Análise de Discurso Semiolinguística, proposta pelo linguista Patrick Charaudeau, a fim de investigarmos as estratégias discursivas que corroboram para que a identidade puta seja ressignificada pela autora; o Putafeminismo – corrente do feminismo que visa defender e dar voz às mulheres que são trabalhadoras sexuais; e o Transfeminismo pelo protagonismo dado às mulheres trans e/ou travestis, reivindicando seus lugares nas mulheridades.



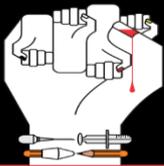
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como a pesquisa ainda se encontra em andamento, além de considerarmos o tamanho dado ao texto, trago uma breve análise de um dos trechos que estão no primeiro capítulo da obra. A eu-narradora cita como foi o processo de início da vida de trabalhadora sexual, incluindo à sua narração uma forma mais alegre de narrar essas situações e citando suas primeiras experiências: “carne nova atrai atenção, me disseram...” (MOIRA, 2018, p.22); “E ele gostou de mim, do transe em que entrei, meu primeiro oral, eu descobrindo o sexo, o prazer, seis meses depois de me assumir Amara”; [...] e perguntou se podia e me tirou do transe para sentir seu gosto em meus lábios e **dizer o quanto me achou mulher**, o quanto me achou bonita, tudo o que eu precisava nesses primeiros passos de puta [...]” (MOIRA, 2018, p. 23 (grifo meu)).

Nos chama a atenção o fato da narradora fazer referência a algo que talvez seja a principal chave para que uma travesti alcance os espaços que historicamente foram renegados a ela: a passabilidade. A travestilidade, enquanto identidade essencialmente feminina e política reivindica este lugar, mas não significa estar ligada ao “ser mulher”. Contudo, como estamos inseridos numa sociedade binária (homem/mulher), a travesti, logo, necessita ser passável, ou seja, se parecer com uma mulher cisgênera. Isso equivale tanto a parte física, quanto a personalidade, pois se algo a denuncia, sai dessa passabilidade, este corpo/corpa será fadado à marginalização, violências. Assim, considero o transfeminismo como perspectiva que pode e deve ser aliada ao putafeminismo, em busca de feminismos que sejam plurais e não correntes segregatórias.

[...] o transfeminismo é uma corrente teórica e política vinculada ao feminismo, que se divide em variadas correntes exatamente pela compreensão, de certo modo comum, de que é impossível permanecer insitindo em mulher, no singular, numa condição universalizante, como sujeita única do feminismo. É preciso localizar as sujeitas, de modo a favorecer a dimensão plural de nossas existências. (NASCIMENTO, 2021, p.68).

PALAVRAS-CHAVE: Prostituição. Puta. Ressignificação. Putafeminismo. Resistências.



REFERÊNCIAS

AFONSO, Luciano Mariana; SCOPINHO, Aparecida Rosemeire. Prostituição: uma história de invisibilidade, criminalização e exclusão. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GIL, Carlos Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas. 2008.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse pura**. São Paulo: Hoo Editora, 2018

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Editora Veneta, 2018.

PRECIADO, B. Paul. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. N-1 edições, 2018.

SANTOS, Wilgner Murillo da Conceição. Mulher e Apóstola, Mestra e Prostituta: As representações Literárias de Maria Madalena. Festival Literário de Paulo Afonso – FLIPA. 2016. Paulo Afonso. **Anais eletrônicos**. Paulo Afonso: Faculdade Sete de Setembro/FASETE, 2016, p. 20-35. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2016/mulher_e_apostola_mestra_e_prostituta.pdf. Acesso em: 18 abr. 2022.